



ÓPTICA CONSELHEIROS DA VISÃO A MORTE DO PRÍNCIPE

TERTÚLIA SOBRE O CANCRO DA MAMA

O que liga todas estas palavras é a vontade de representar por parte de jovens atores, a vontade de ajudar pelo lado de um grupo de ópticas com uma campanha sobre o cancro da mama, a vontade de quem teve a doença, e passou por todo um processo, de partilhar a sua experiência de sentimentos e angústias. No fundo é a entreejuda e a solidariedade que prevalecem, não só em termos materiais mas sobretudo emocionais.



Foi o que se passou uma noite destas no Teatro da Trindade, palco para uma encenação sul-generis de Ricardo Boiêo, que fez dos textos de William Shakespeare, Heiner Müller e Fernando Pessoa um "A Morte do Príncipe" de cortar a respiração. De cortar a respiração foram igualmente as interpretações dos jovens atores Lídia Muñoz – cujo apelido nos transporta irremediavelmente à avó, Eunice Muñoz – e José Condessa – atualmente a interpretar a personagem Tiago na novela "Rainha das Flores" da SIC –, com a esperança de que a Europa que nos é apresentada por Ricardo Boiêo não transborde daquele palco.

E à semelhança de tantas outras peças de teatro, também esta decorreu sob o patrocínio das Ópticas Conselheiros da Visão, incansáveis na missão social que os tem feito crescer na sociedade portuguesa. Já sobejamente conhecidos por ajudarem a divulgar a cultura e nomeadamente o teatro, são cada vez mais procurados para realizar esta simbiose perfeita. Depois de um breve intervalo para todos – atores e público – recuperarem o fôlego e um pouco das energias físicas e mentais desgastadas com a obrigatória reflexão a que foram sujeitos, teve lugar uma tertúlia sobre o cancro da mama. E não foi só mais uma conversa sobre um tema chato, não! Foi uma interes-

sante partilha de experiências, de emoções e de sentimentos que, ao invés do que se poderia pensar, afastam o medo físico da doença e fortalecem a alma de quem participa e assiste ao debate. A paleta de oradores foi composta pelo optometrista e presidente das Ópticas Conselheiros da Visão, Rafael Claro da Silva, a Dra. Emília Vieira, presidente da Associação Amigas do Peito e cirurgiã no Hospital de Sta. Maria, Ana Videira, técnica de arte musical infanto-juvenil e doente oncológica de cancro da mama, o ator Vítor de Sousa, os jovens atores Lídia Muñoz e José Condessa e o encenador e dramaturgo Ricardo Boiêo. Todos expressaram a admiração



mas também o apreço pelas ópticas. Conselheiros da Visão apoiarem, por um lado, a cultura e, por outro, causas sociais que tanto ajudam as pessoas não só materialmente mas, e sobretudo, dando-lhes ânimo e coragem para enfrentarem e ultrapassarem os seus problemas. Tal como frisou a Dra. Ermília Vieira, é preciso falar de doenças que até há uns tempos atrás eram tabu, como o cancro, por exemplo, esclarecer as pessoas e principalmente dar-lhes esperança, porque a Medicina evolui a cada dia e todos os dias aparecem novos tratamentos. Todo o evento foi devidamente registado pelas câmaras da TV Almada e de Abel Dias, a quem não escaparam as diversas figuras públicas que quiseram marcar presença e, antes mesmo de tudo começar, aqueceram-se as gargantas com o Licor do Amor.





A morte do Príncipe
um espetáculo de Ricardo Boléo

“É de louvar que as
ópticas Conselheiros
da Visão se posicione
socialmente”

RICARDO BOLÉO

Mestre em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema, licenciado em Estudos Artísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, frequentou as Faculdades de Comunicação, História e Letras assim como a Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, no Brasil. Publicou poesia, textos para teatro e artigos acerca de arte e cultura. É formador nas áreas de iniciação à prática teatral, escrita para teatro e dramaturgia, tendo orientado formações em Portugal, Brasil e Cabo-Verde. Tem trabalhado regularmente como dramaturgo, dramaturgista, encenador e intérprete tanto em teatros (Teatro Turim, Teatro da Trindade, Teatro Nacional D. Maria II, etc.) quanto em espaços não-conventionais (Animatógrafo do Rossio, Armazéns Abel Pereira da Fonseca, etc.) em diversos espetáculos, dos quais se destacam

“Ionesco’s” (2002), “Temperança – Estou de Dieta!” (2009), “O Mundo É Maravilhoso” (2011), “Éter” (2013), “A Rainha de Trazos” (2013), “A Mais Terna Ilusão” (2013), “Inércia” (2014), “Radiografia de Um Nevoeiro Impartável” (2014), “Cântico” (2014), e “Silêncio” (2015). Em 2014, foi-lhe atribuída a Bolsa Jovens Criadores CNC/IPDJ.

Após ter assistido à peça “A Morte do Príncipe”, a curiosidade tomou conta de “Saúde à Vista” e os “comos” e os “porquês” saltaram para a conversa com Ricardo Boléo.

Como chegou ao texto que originou a “sua” “A Morte do Príncipe”?

Parti do texto “Máquina-Hamlet”, de Heiner Müller, e, sendo o próprio texto uma leitura furiosa de “Hamlet” pelo autor, faz-me sentido colocar em confronto um texto paradigmático da pós-moderni-

dade em diálogo com o clássico de William Shakespeare, elegendo duas passagens icónicas: a cena do fantasma e a cena do “ser ou não ser”. Já Fernando Pessoa, sendo um poeta dramático, como se referia a si próprio, com o projeto de ser um supra-Hamlet, parece-me que o princípio do seu texto dramático “A Morte do Príncipe” é, efetivamente, Hamlet, Hamlet, o homem antropocêntrico e verdadeiramente com conhecimento de si.

Porquê ir buscar clássicos da Literatura para uma tão atual abordagem? Acha que só assim lhe conseguiria imprimir a carga dramática que pretendia?

Queria colocar no teatro a dimensão política de um texto descontinuo, hermético e enigmático, porém o texto de Müller parecia-me demasiado político-partidário e quis torná-lo mais político e menos partidário, pelo que optei por in-

cluir excertos da “Ode Triunfal”, de Fernando Pessoa, parecendo-me que desta maneira adapto o texto à atualidade, produzindo sentidos no universo de referências individuais e coletivas na contemporaneidade. Uma vez que tenho também trabalhado muito em espaços não-conventionais, ressignificando-os, era importante trazer essas experiências para o espaço convencional de teatro e continuar a estudar a linguagem interpretativa para um contexto de proximidade com o público, pelo que me fez sentido também ter “A Morte do Príncipe”, de Fernando Pessoa, incluído na dramaturgia final, brincando com os conceitos homem/máquina, ser/não ser, homem/mulher, etc. Na encenação, a dramaturgia está presente na cena, modificando sempre o caminho das personagens. O dispositivo teatral é visível, sendo que operações de luz, vídeo, som se fazem a partir da própria cena.

E escolheu primeiro os atores ou a peça?

A Lidia Muñoz tinha já trabalhado comigo em 2014 no espetáculo “Cântico”, a partir de “Cântico dos Cânticos”, atribuído a Salomão. O espetáculo resultava de um processo de apropriação do espaço (um peepshow) através do discurso de quatro vozes femininas a falar de corpos, amor e desejos. Desde essa altura que sentimos ambos vontade de voltar a trabalhar juntos. Há cerca de um ano e meio, fui ver o “Peer Gynt”, encenado por Carlos Avilaz, e fiquei fascinado com o José Condessa. Poucos dias depois estava a convidá-lo para integrar o elenco deste espetáculo. Foram verdadeiramente os atores que me levaram, de uma forma orgânica, a descobrir o texto.

Já tem novos projetos?

O facto de não trabalhar em companhia dá-me liberdade para me ir programando de maneiras que for considerando importantes para mim. Não como o risco de ter dois ou três projetos programados para um ano e, à medida que o tempo avança, ser obrigado a cumprir com os compromissos mas já não me fazer grande sentido aquele espetáculo naquele momento. Estive agora no Festival Caminhos



do Cinema Português a integrar o júri nomeado pela Federação Internacional de Cineclubes para a atribuição do prémio D. Quilote e irei repor “A Morte do Príncipe” provavelmente durante o próximo ano e estou a trabalhar no texto para um novo espetáculo.

Como vê o futuro do Teatro?

O Teatro está de boa saúde e recomenda-se. Há imensa gente a criar com multíssima qualidade, gente nova a descobrir espaços alternativos aqui e ali, onde de repente temos acesso a espetáculos muito bons, fora de um circuito mais comercial/conventional. Estamos há mais de 3000 anos a fazer Teatro e continua a fazer sentido. O Luís de Sítua Mon-

teiro escreveu que “levar o homem ao teatro é pôr o homem perante o homem”, continuaremos sempre a sentir esta necessidade. Por outro lado, temos os escassos apoios à cultura e é uma tarefa hercúlea levantar um espetáculo sem qualquer apoio...

Sendo, digamos assim, um homem do Teatro, qual a sua relação com o cinema?

A minha formação de base em Estudos Artísticos contempla os domínios dos estudos performativos, ciências musicais, fotografia, novos média e, também, os estudos cinematográficos. Mas, além de ter tido oportunidade de estudar cinema, tenho um profundo interesse pela sétima arte. Assim, foi com muita



satisfação que recebi a nomeação da Federação Internacional de Cineclubes para representar Portugal no júri IFFS/FICC no XXII Festival Caminhos do Cinema Português.

Como júri, que critérios pesam mais para atribuir um prêmio?

São sempre critérios de qualidade. No caso de um prêmio na área do cinema, fazemos da qualidade da filmagem, da montagem, interpretação, coerência, etc. Para este prêmio quisemos ter em conta o facto do filme premiado circular em cineclubes e cinemas comunitários. Como sabemos, os cineclubes têm um papel preponderante na divulgação de filmes menos comerciais. Decidimos atribuir o prêmio D. Quijote a "Eldorado", de Rui E. Abreu, Thierry Besseling e Loïc Tanson, por

ser um filme que fala do presente e da vida quotidiana, pela capacidade que tem de retratar o atual assunto da emigração de uma forma inteligente e sensível, sem estereotipar as pessoas que aparecem no documentário. Atribuímos ainda uma menção honrosa a "Landing", de Filipe Martins, por ser um filme que dissolve as fronteiras entre cinema e dança, filmado de uma forma muito bonita.

E, já agora, por que não perguntar-lhe: não espera ser premiado pelo seu trabalho, mais não seja em prol da arte, da cultura e, sobretudo, do Teatro?

Em 2014 recebi a Bolsa Jovens Criadores que tem como objetivo estimular o trabalho criativo na área das artes. Mas, para além de prémios mais ou menos institucionais,

acredito que o meu trabalho é premiado sempre que chega ao público, sempre que há uma sinergia entre objeto e espetador.

O que acha das iniciativas do Grupo de Ópticos Conselheiros da Visão no apoio à cultura e a ligação que fazem às ações sociais que desenvolvem sempre com o objetivo de ajudar em os outros?

Teatro, do grego *théatron*, significa "lugar de onde se vê". Parece-me quase poético que um grupo ligado aos cuidados com a visão apoie a cultura e, mais especificamente, o teatro. Se todas as empresas abraçassem causas relacionadas com a cultura e/ou ações sociais, estaríamos todos bastante melhor. É de louvar que o Grupo Conselheiros da Visão se posicione socialmente.

JOSÉ CONDESSA

Tem o curso de Interpretação da Escola Profissional de Teatro de Cascais. Durante a sua formação foi dirigido por nomes como, por exemplo, Beatriz Batarda. Interpretou espetáculos encenados por Pêpê Rapazote, Mafalda Vilhena e José Boavista ("A Arca"), Carlos Avillez ("Hamlet", "Auto da Barca do Inferno e Auto da Índia", "Divinas Palavras", "Peer Gynt" e "Macbeth"), Pedro Castro ("Atirem-se ao Ar") e Miguel Graça (Se Eu Não Fechar os Olhos)". No

cinema trabalhou com o realizador Thomas Vincent no filme "S.A.C., des Hommes Dans L'ombre". Faz parte dos elencos das telenovelas "Jardins Proibidos" (2015) e "Santa Bárbara" (2015/16), da TVI, e atualmente integra o elenco de "Rainha das Flores", da SIC.

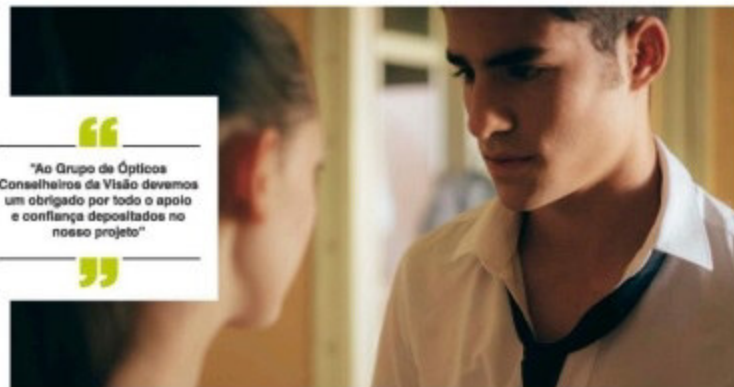
Quando se apercebeu que a representação era o caminho?

Comecei a frequentar os teatros muito cedo e desde que me lembro que pisar o palco me fazia feliz. O

meu pai é ator de teatro amador e enquanto era pequeno acompanhava-o em todos os ensaios. Na altura estava o meu pai num grupo de teatro amador que tinha como sede o Teatro Camões (Beilém Clube), na Calçada da Ajuda, e foi com eles que aos três anos me estreei fazendo de anjo e, aos cinco, num monólogo.

Tem sido um caminho fácil de percorrer ou tem tido muitos obstáculos?

O caminho ainda é curto, mas tem



“Ao Grupo de Ópticos Conselheiros da Visão devemos um obrigado por todo o apoio e confiança depositados no nosso projeto”

sido muito gratificante. Obstáculos existem sempre, mas com o trabalho e a dedicação conseguem ultrapassar-se. Tenho tido a oportunidade de interpretar grandes personagens e, sendo tão novo, é para mim uma honra!

O mundo da representação para si não se resume ao teatro, mas de qual das formas de representar mais gosta: TV, cinema ou teatro?

Gosto destes três ramos da representação, apesar de, com muita pena minha, ter feito pouco cine-

ma. Tenho para mim que são áreas completamente distintas e nenhuma substitui as outras. A televisão, no meu caso as novelas, tem sido para mim um desafio constante. Estreei-me em "Jardins Proibidos", em 2015, e desde aí já fiz mais dois projetos ("Santa Bárbara" e



"Rainha das Flores"), o que é mais do que excelente para um jovem que começou há tão pouco tempo. Mas tenho muito prazer a fazer TV. Cinema deixa ao ator um espaço de criação e aperfeiçoamento do pormenor e isso agrada-me muito e quero muito explorar mais. Mas sem dúvida que é no Teatro que me sinto ultrapassado, quer pelo texto, ou pelas encenações, quer pelo trabalho coletivo e individual. É para mim o ramo que mais me completa. É a prova de longa duração do ator, a novela a prova de sprint (temos muito que decorar e resolver muito rapidamente quase sem tempo de ensaio). Mas todas estas vertentes se cruzam e formam o Ator e todas são importantes.

Como se preparou para interpretar este seu príncipe?

Muita pesquisa interior, no fundo o Hamlet sou eu, somos todos nós.

Alguma leitura sobre o texto ou o que o autor pedia e muito palcos!

Qual a sua fonte de inspiração quando tem de encarnar uma personagem?

A fonte de inspiração pode ser uma rasteira. Acho que temos de pensar acima de tudo; não podemos esperar pela inspiração se não corremos o risco de ela não aparecer e aí temos o caldo entornado (risos)! Talvez, como disse, seja o ser a personagem que interpretamos, tentar vivê-la, preenchemos o que o texto não diz. Quando chega um novo desafio, acho que lhe pergunto sempre: Quem és tu?

Veste e despe facilmente as personagens? E não as leva para casa?

Depende muito. Admito que já tive vários casos em que não consigo desprender-me facilmente. Não é nada raro. Vou para casa tenso e

muitas vezes descarrego a raiva ou a frustração nos outros. Nada de agressivo. Apenas sentimentos e emoções que ficaram "entallados" no fim da representação e que tenho de libertar (risos)!

Qual a personagem que mais gostou de interpretar até agora e qual a que gostaria muito de vir a interpretar?

Esta é difícil. Em todo o trajeto pela Escola Profissional de Teatro de Cascais tive a oportunidade de poder interpretar várias personagens grandes, como Le Franc na peça "Alta Vigilância", de Jean Genet, Zucco em "Roberto Zucco", de Bernard-Marie Koltés, entre outros. Também no Teatro Experimental de Cascais com o Carlos Avilez tive outros grandes desafios como foi o caso de Malcolm na peça "Macbeth", de William Shakespeare, onde tive o prazer de partilhar o palco com nomes que muito admiro. Mas uma que muito me marcou, por vários motivos, pessoais e profissionais, foi Peer Gynt, a minha prova final de curso onde estava 3h30min em cena com mais de 190 páginas de texto, uma personagem linda, sonhadora e gigante na literatura mundial. E o Zé em "Se Eu Não Fechar os Olhos", de Miguel Graça, uma peça feita com muito amor por todas, um processo que não irei esquecer. E esta "A Morte do Príncipe", claro! Não consigo desprender-me de nenhuma das peças, não consigo escolher (risos).

O que acha das iniciativas do Grupo de Ópticos Conselheiros da Visão no apoio à cultura e a ligação que fazem às ações sociais que desenvolvem sempre com o objetivo de ajudar em os outros?

Estas parcerias são indispensáveis para o cultivo da arte teatral. São incentivos para quem quer fazer projetos de valor e quer apresentá-los ao público. Não são só as grandes companhias que têm espetáculos em cena. Sem estes parceiros é-nos muito difícil poder fazer chegar a todos a nossa arte. É ao Grupo de Ópticos Conselheiros da Visão devemos um obrigado por todo o apoio e confiança depositados no nosso projeto.